

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

IDENTIDADE TRANSMUNDANA
FERNANDA MEDEIROS

Florianópolis

2017

FERNANDA MEDEIROS

IDENTIDADE TRANSMUNDANA

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina para
obtenção do Grau de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Augusto Mortari

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Medeiros, Fernanda
Identidade Transmundana / Fernanda Medeiros ;
orientador, Cezar Augusto Mortari, 2017.
62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Filosofia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Identidade Transmundana, Mundos
Possíveis, Metafísica de Modalidades. I. Mortari, Cezar
Augusto. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Filosofia. III. Título.

Fernanda Medeiros

IDENTIDADE TRANSMUNDANA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de “Bacharel em Filosofia”, e aprovado em sua forma final pelo Programa de Graduação em Filosofia.

Florianópolis, ___ de _____ de 2017.

Professora Marina dos Santos, Dra.

Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Professor Cezar Augusto Mortari, Dr.

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Celso Reni Braidá, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Jonas Becker Arenhart, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Ivan Ferreira da Cunha, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata ao meu orientador, professor Cezar Augusto Mortari, pelas inúmeras correções e sugestões, por dispor de seu tempo de modo sempre tão cortês, e enfim, por ser e estar sempre tão acessível.

Tive excelentes professores, ao longo do curso, e a alguns deles sou especialmente grata. Entre estes, agradeço especialmente ao professor Jonas Becker Arenhart, à quem muitas vezes eu recorri para pedir explicações, à medida que lia Frege, Wittgenstein ou algum artigo de Kripke.

Agradeço também ao professor Celso Braidá, que acompanhou e orientou os primeiros passos do projeto que resultou neste trabalho. E agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação neste curso. Cada um me marcou de um modo especial e me ensinou muito. Sentirei muitas saudades de todas as aulas.

Agradeço também aos meus queridos amigos Anderson Mendes, Lirian Lunardi e Marcos Régio Silva do Nascimento, por todo apoio que me deram, e pelo interesse (ou paciência) que sempre demonstraram em tantas conversas sobre mundos possíveis, contrapartes e questões metafísicas.

Agradeço a Deus por esta experiência!

RESUMO

Teorias a respeito de modalidades tradicionalmente se comprometem com uma ontologia de mundos possíveis ao tentar explicar conceitos como necessidade e possibilidade. Um dos problemas que decorrem dessas teorias é o problema da *identidade transmundana*, que consiste em explicar como Sócrates, o mesmo Sócrates que é filósofo em nosso mundo, existe em algum outro mundo possível e é, por exemplo, um carpinteiro. O problema surge, aparentemente, do conflito com o *Princípio da Identidade*. De acordo com este princípio, todos os objetos são iguais a si mesmos. Assim, se Sócrates em W e Sócrates em W' são iguais, então são a mesma pessoa. Entre as respostas apresentadas para o problema, destacam-se as apresentadas por David Lewis e por Alvin Plantinga. David Lewis produziu uma teoria, a *Teoria das Contrapartes*, com a qual pretende ter resolvido a questão. Alvin Plantinga, por outro lado, traz uma nova perspectiva à questão, ao apresentar uma solução que vai em uma direção totalmente diferente da adotada por Lewis. Plantinga analisa a solução apresentada por David Lewis e conclui que não existe realmente um problema, mas um equívoco na forma de tratar a questão. O objetivo deste estudo é investigar este problema a partir da teoria proposta por Alvin Plantinga. Assim, pretendo examinar, ao final da pesquisa, se há aqui um problema de fato, ou, como defende Plantinga, se o problema é apenas aparente, decorrente da ideia equivocada de que a existência dos indivíduos está limitada a apenas um mundo.

Palavras-chave: Metafísica. Mundos Possíveis. Identidade. Identidade Transmundana. Propriedades.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 IDENTIDADE.....	12
3 MUNDOS POSSÍVEIS.....	16
3.1 OS MUNDOS POSSÍVEIS DE DAVID LEWIS.....	17
3.2 OS MUNDOS POSSÍVEIS DE ALVIN PLANTINGA.....	21
4 IDENTIDADE TRANSMUNDANA.....	27
5 CONTRAPARTES.....	30
6 PROPRIEDADES	33
6.1 PROPRIEDADES INDEXADAS EM MUNDOS.....	38
6.2 SÓCRATES PODERIA SER UM JACARÉ?.....	41
7 ESSÊNCIAS, IDENTIDADE TRANSMUNDANA PARA PLANTINGA E TWI.....	46
7.1 ESSÊNCIAS.....	46
7.2 IDENTIDADE TRANSMUNDANA PARA PLANTINGA.....	48
7.3 A TEORIA DOS INDIVÍDUOS LIMITADOS A UM MUNDO	50
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
9 REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

Pretendo, neste estudo, investigar a questão da identidade transmudana nas teorias de mundos possíveis. Meu objetivo é verificar, em primeiro lugar, como surge o problema, e, a partir daí, buscar responder às seguintes questões: 1 – *Sócrates em W^1 pode ser idêntico a Sócrates em W^2 ?*, e, se parecer que sim, 2 – *Como Sócrates poderia ser o mesmo em mundos diferentes e ter e não ter uma determinada propriedade?*

Para isso, vou começar por definir, nas seções 2 a 5, o que são Identidade, Mundos Possíveis, Identidade Transmudana e Propriedades. Para apresentar estas definições vou utilizar, principalmente, os textos de Alvin Plantinga e de David Lewis. Em seguida, apresentarei brevemente as respostas dos dois filósofos ao problema, nas seções 6 e 7, e por fim, na seção 8, pretendo concluir qual deles responde de maneira mais satisfatória às questões formuladas.

Na teoria de Mundos Possíveis de David Lewis, o problema da identidade transmudana é contornado por meio de uma teoria que envolve *contrapartes* – neste caso, existe uma ou várias espécies de versões de Sócrates, que são o mais parecidas o possível com ele, mas espaçotemporalmente separadas, pois pertencem a diferentes mundos. Não há entre as contrapartes, portanto, conexões causais de qualquer espécie. Lewis pretende, assim, ter resolvido o problema. Alvin Plantinga, por outro lado, faz uma análise do problema na qual considera a solução proposta por Lewis e conclui que não há, de fato, um problema real, mas apenas *parece* haver um problema.

Vou iniciar apresentando os conceitos de identidade, de identidade transmudana e de mundos possíveis, para então, com base no livro *The Nature of Necessity*, de Alvin Plantinga,

verificar como se resolve a questão das propriedades, que está relacionada ao conceito de identidade. Estabelecidos estes pontos, pretendo analisar a resposta oferecida por Alvin Plantinga ao problema em questão, em comparação à solução proposta por David Lewis. A partir da comparação entre estas duas teorias, pretendo verificar quais problemas elas resolvem e que problemas apresentam, para assim, com base no estudo efetuado, concluir se o problema se encontra de fato solucionado ou se há uma resposta satisfatória à questão.

2 IDENTIDADE

A *Identidade* apresenta dificuldades filosóficas que resultam em diferentes posições acerca do conceito e significado que *identidade* pode ter. Nesta seção vou apresentar brevemente as duas noções mais frequentemente utilizadas em Filosofia, tendo como referência os textos *Identidade e Semelhança* e *Substituição e Indiscernibilidade dos Idênticos*, ambos de João Branquinho. Estas noções e a distinção entre os dois tipos de identidade considerados serão úteis na análise que será feita neste estudo, e, para responder às duas questões anteriormente propostas sobre *identidade transmundana*, que são: i) *Sócrates em W^1 pode ser idêntico a Sócrates em W^2 ?* e ii) *Como Sócrates poderia ser o mesmo em mundos diferentes e ter e não ter uma determinada propriedade?*

As duas noções de identidade com as quais mais frequentemente nos deparamos em Filosofia são as noções de *identidade numérica* e de *identidade qualitativa*. Geralmente, a noção usada é a de *identidade numérica*, pela qual se entende que, se duas coisas são distintas, por mais ínfima que seja a diferença, então se trata de *duas* coisas. Mas a noção de *identidade qualitativa*, utilizada para caracterizar aspectos de semelhança entre duas coisas, também costuma ser amplamente utilizada, em contraste à de identidade numérica (cf. BRANQUINHO, 2012, p.1). A noção de identidade qualitativa refere-se às qualidades que um objeto pode ter.

As diferentes acepções em torno do conceito de identidade resultam em uma grande controvérsia em torno da questão, e, como exemplo das divergências que se seguem desta discussão, Branquinho cita Wittgenstein e Kripke. Wittgenstein, em defesa da noção de identidade numérica, afirma (cf. BRANQUINHO, 2012, p.2): “Falando grosso modo: dizer de

dois objetos que são idênticos é absurdo, e de um *único* que é idêntico consigo mesmo por certo não diz nada”¹.

Por outro lado, Kripke, que defende a noção de identidade qualitativa, se manifesta em relação ao tema da seguinte forma (cf. BRANQUINHO, p.2):

Alguns filósofos pensaram que uma relação, tendo essencialmente dois termos, não pode obter entre uma coisa e ela própria. Esta posição é completamente absurda. Alguém pode ser o seu próprio pior inimigo, seu mais severo crítico, etc. Algumas relações são reflexivas, tal como a relação ‘não ser mais rico que’. A identidade (...) não é senão a menor relação reflexiva.²

Em relação à identidade numérica, há dois princípios ou leis que constituem características básicas do conceito: a *lei da indiscernibilidade dos idênticos* e a *lei da identidade dos indiscerníveis*, esta última também conhecida como *Lei de Leibniz* (cf. BRANQUINHO, 2001, p.1). A *lei da indiscernibilidade dos idênticos* refere-se ao princípio segundo o qual “objetos idênticos são indiscerníveis, ou seja, objetos idênticos têm exatamente as mesmas propriedades”, de modo que “para quaisquer objetos x e y, se x é idêntico a y, então para qualquer propriedade P, se x tem P, então y tem P, e se y tem P, então x tem P” (cf. BRANQUINHO, 2001, p. 2).

A outra lei que se refere ao conceito de identidade numérica, conhecida como *lei de Leibniz* ou *lei da identidade dos indiscerníveis*, consiste no princípio de acordo com o qual (cf. BRANQUINHO, 2001, p. 8):

Expressões co-referenciais, i.e., expressões que se referem ao mesmo objeto, ou co-extensionais, i.e., expressões que têm a mesma extensão, são intersubstituíveis salva veritate, i.e., preservando o valor de verdade, ao longo de quaisquer frases nas quais possam ocorrer.

¹ Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.5303, p. 107. Itálicos no original.

² *Naming and Necessity*, 108n. (Kripke *apud* Branquinho, em *Identidade e Semelhança*, p. 2)

Segundo Leibniz, dois objetos individuais não diferem apenas em número, eles também nunca podem ser absolutamente iguais. Ele afirma, no prefácio de *Novos ensaios sobre o entendimento humano* que “Duas coisas individuais não poderão ser perfeitamente iguais e devem diferir sempre, mesmo para além da sua consideração de um ponto de vista numérico (*número*)”. O princípio da identidade dos indiscerníveis pode ser formulado desse modo (cf. BRANQUINHO, MURCHO E GOMES, 2006, p. 391, itálico no original).

Alguns dos problemas filosóficos relacionados à questão da identidade já eram discutidos na Grécia Antiga. Exemplo disto é o paradoxo do navio de Teseu, que diz respeito à história narrada por Plutarco em *Vidas Paralelas*. Ele conta que o navio de Teseu foi conservado durante muito tempo pelos atenienses. Para tanto, a madeira do navio era gradualmente retirada, à medida que ia ficando gasta, e substituída por madeira nova. De acordo com Plutarco, os filósofos da época discutiam, sem chegar a um consenso, se o navio, cujas peças por fim haviam sido todas trocadas, ainda era o mesmo navio utilizado por Teseu ou se era outro navio, distinto daquele.

A consideração do navio ou de qualquer outro objeto utilizando uma noção de *todo* pode ser útil para resolver o paradoxo do navio de Teseu. Chisholm apresenta, em 1976, uma noção de todo segundo a qual a expressão *todo* é utilizada para designar *o objeto composto de todas as suas partes necessariamente* (tese do essencialismo mereológico). Contudo, considerar os objetos como um todo pode levar a outro problema, conhecido como problema da co-locação (cf. BRANQUINHO e SANTOS, 2014, p. 3).

O exemplo fornecido por Chisholm é de algum modo semelhante ao problema do navio de Teseu. Ele propõe considerar uma mesa composta por duas tábuas que são trocadas, primeiro uma e depois a outra, em dias consecutivos. Assim, a mesa original terá em um dos dias após a troca uma de suas tábuas originais e uma nova, e, no dia seguinte, será composta

pelas duas tábuas novas. Chisholm defende que, ao contrário do que ocorre no senso comum, a noção utilizada filosoficamente possui critérios bem demarcados para classificar algo como objeto (cf. BRANQUINHO e SANTOS, 2014, p. 5).

O problema da co-locação surge da aceitação de que um objeto, como uma estátua de bronze, e o todo relativo a esse objeto ocupam o mesmo espaço num mesmo instante: trata-se de identidade? caso contrário, qual seria a relação entre o objeto e o todo relativo a esse objeto? A estátua pode ter suas partes trocadas, porém o todo não. O todo poderia ter alterações em sua forma, mas a estátua de bronze não. Se por um lado é difícil aceitar que o objeto e o todo são uma mesma entidade, uma vez que o que é possível para um não o é para outro, por outro lado a não aceitação pode nos levar à tese de que há, então, dois objetos colocados (cf. BRANQUINHO e SANTOS, 2014, p. 5).

O tema da identidade é amplo e complexo demais para ser tratado neste trabalho. A intenção aqui é apenas apresentar noções que irão refletir diretamente na questão da chamada *identidade transmundana*, que será tratada na seção 4. A identidade transmundana é um problema que surge no âmbito das teorias modais que tratam de *mundos possíveis*. As explicações fornecidas por esses modelos passam, invariavelmente, pela questão da identidade, de modo que as noções aqui apresentadas serão úteis mais à frente. Antes de entrar no tema da identidade transmundana, entretanto, é preciso verificar o que são os *mundos possíveis*.

3 MUNDOS POSSÍVEIS

A metafísica de modalidades abriga teorias que pretendem compreender e explicar noções modais utilizando-se do conceito de *mundos possíveis*, que são, basicamente, *modos como as coisas poderiam ter sido*. Frequentemente, ao analisarmos qualquer fato do mundo *real*, o mundo em que nós estamos e percebemos, nós pensamos e falamos sobre diferentes modos como as coisas poderiam ter ocorrido. Intuitivamente, percebemos que seria possível que as coisas acontecessem de uma maneira diferente, e que então as consequências resultantes seriam outras, e assim por diante. Cada um desses modos consiste, de acordo com algumas dessas teorias metafísicas modais, em um *mundo possível*.

A expressão *mundos possíveis* foi usada originalmente por Leibniz (1646-1716). O trabalho desenvolvido por Kripke resultou em uma semântica para lógicas modais. Essa semântica deu origem à *concepção canônica* de mundos possíveis (cf. ARRUDA, 2007, p. 356), que consiste na ideia de que mundos possíveis são modos como as coisas poderiam ter sido.

Atualmente há diversas outras definições utilizadas, algumas das quais se destacam. Entre estas, há as concepções de Plantinga, que define mundos possíveis como *estados de coisas maximais possíveis*; de Kripke, que entende mundos possíveis como *entidades mentais*; de David Lewis, para quem mundos possíveis são *mundos reais, genuínos*; Armstrong, para quem são *ficções úteis*; e para outros ainda, como Forbes e Chihara, mundos possíveis *não existem*.

Geralmente, teorias modais que envolvem mundos possíveis se comprometem com alguma ontologia, assumindo um compromisso ontológico que pode ser maior ou menor, conforme os pressupostos que as caracterizam. Entretanto, há diferentes abordagens para as

teorias de mundos possíveis, que se diferenciam conforme o tipo de existência que se atribui a estes mundos. Susan Haack menciona três que se destacam entre as outras:

i) a abordagem *linguística*, que é utilizada por Hintikka, e de acordo com a qual mundos possíveis são *conjuntos maximais de sentenças*;

ii) a abordagem *conceitualista*, que tem em Kripke um de seus representantes, na qual mundos possíveis são explicações sobre a forma como podemos conceber os diferentes modos como as coisas poderiam ter sido; e

iii) a abordagem *realista*, defendida, por exemplo, por David Lewis. Nesta abordagem, os mundos possíveis são *reais*, isto é, existem *mesmo*, independentemente de nossa linguagem e do nosso pensamento (cf. HAACK, 1998, p. 253-4). Plantinga pode ser considerado um realista, pois defende que seus mundos possíveis *existem realmente*.

As concepções de mundo possível analisadas neste estudo serão as de Lewis e Plantinga.

3.1 OS MUNDOS POSSÍVEIS DE DAVID LEWIS

Lewis diz que o mundo que habitamos é apenas um de uma pluralidade de mundos, e nós, alguns entre todos os habitantes de todos os mundos. Em relação ao nome ‘realismo modal’, Lewis pensa ter escolhido um nome ruim para sua tese, o que não teria ocorrido, segundo ele, se tivesse previsto as posteriores discussões em torno do que o ‘realismo’ é.

De qualquer forma, ele prefere manter o nome, com a ressalva de que o *realismo modal* que ele defende “é simplesmente a tese de que há outros mundos, e indivíduos

habitando esses mundos (...)”³. E, para não deixar dúvidas sobre o modo como esses mundos indivíduos e mundos existem, ele reforça:

É uma afirmação existencial, não muito diferente da afirmação que eu faria se dissesse que há monstros em Loch Ness, ou espiões comunistas na CIA, ou contraexemplos à conjectura de Fermat, ou serafins. Ela *não* é uma tese sobre nossa competência semântica, ou sobre a natureza da verdade, ou sobre a bivalência, ou sobre os limites de nosso conhecimento. Para mim, a questão é da existência de objetos — não a objetividade de um assunto (LEWIS, 1986, prefácio, p. viii; *italico no original*).⁴

Para David Lewis, cada modo como uma coisa poderia ter sido corresponde ao modo como algo de fato é em algum mundo possível; é algo efetivamente *real* – no mundo em que ocorre. Os outros mundos existem tão concretamente quanto o nosso, mas com uma importante ressalva: Lewis considera que mundos são *concretos* por não serem conjuntos, mas *abstratos* por não estarem localizados no espaço-tempo⁵. Apesar de não gostar da ideia de classificar seus mundos como concretos ou abstratos, Lewis faz esta distinção no modo como eles existem a fim de esclarecer melhor este ponto. Assim, na concepção de mundos possíveis lewisiana, há incontáveis modos como as coisas poderiam ter sido, e a cada um desses modos corresponde um mundo – um mundo que existe *verdadeiramente*, não algo tal como uma abstração ou uma construção mental. Por isso, o realismo defendido por Lewis é chamado de *realismo modal genuíno*.

Os mundos possíveis de Lewis são, portanto, coisas tais quais o nosso mundo. A única diferença na maneira como o nosso mundo *existe* e os outros mundos *existem* é que *nos*

³ Lewis, 1986, no prefácio de *On the Plurality of Worlds*, p. vii.

⁴ Trecho traduzido por Cezar Augusto Mortari (notas de aula).

⁵ Lewis escalerece seu ponto de vista sobre a “concretude” dos mundos na seção “1.7 Concreteness” do livro *On the Plurality of Worlds* (1986, páginas 81-86). Ao fim da seção, ele conclui: “According to the Way of Abstraction, I say that worlds are concrete. They lack no specificity, and there is nothing for them to be abstractions from. As for the parts of worlds, certainly some of them are concrete, such as the other-worldly donkeys and protons and puddles and stars. But if universals or tropes are non-spatiotemporal parts of ordinary particulars that in turn are parts of worlds, then here we have abstractions that are parts of worlds. So, by and large, and with some doubts in connection with the Way of Example and the Negative Way, it seems that indeed I should say that worlds as I take them to be are concrete; and so are many of their parts, but perhaps not all. But it also seems that to say that is to say something very ambiguous indeed. It's just by luck that all its disambiguations make it true.”

outros mundos acontecem outras coisas. Em sua teoria, os acontecimentos de uns e de outros mundos não possuem nenhuma relação causal entre si. Os mundos são todos espaçotemporalmente desconectados, e portanto, inacessíveis uns aos outros. Além disso, todos os mundos *são reais* para si mesmos, isto é, cada mundo possível existe realmente, verdadeiramente – não é uma abstração – e cada mundo é tão real para si mesmo quanto o nosso o é para nós. O mundo *real*, para Lewis, é o mundo que habitamos, tanto quanto, em algum outro mundo qualquer, *real* é o que acontece por lá. Isto porque *real*, para Lewis, é uma expressão dêitica, isto é, seu significado está vinculado ao contexto no qual a palavra é usada. Assim, nosso mundo é real porque a palavra é usada por nós, aqui e agora. Para o Sócrates de W^l , *real* é o mundo que ele habita, e assim por diante.

De acordo com o realismo modal de Lewis, portanto, o nosso mundo é apenas um entre tantos outros: há incontáveis mundos; tantos que “absolutamente *todo* modo como um mundo poderia possivelmente ser é o modo como algum mundo é” (cf. Lewis, 1986, p. 2; *itálico no original*). E o mesmo vale para *partes de mundos*: “*todo* modo como a parte de um mundo poderia possivelmente ser é o modo como alguma parte do mundo é” (cf. Lewis, 1986, p. 2; *itálico no original*). Todos esses mundos são totalmente isolados entre si: não há distância espacial nem temporal entre eles; nenhuma relação espaço-temporal ou causal.

Outro aspecto que Lewis destaca em relação aos mundos é que não há partes comuns entre eles: “Os mundos também não se intersectam; eles não têm partes em comum, com exceção, talvez, de universais imanes exercendo seu privilégio característico de ocorrência repetida” (cf. LEWIS, 1986, p. 2). Além disso, os outros mundos e o nosso são coisas da mesma espécie; não há diferenças de categoria nem no modo de existir: simplesmente “algumas coisas existem aqui em nosso mundo, outras existem em outros mundos” (cf. LEWIS, 1986, p. 2).

Porém, embora Lewis seja categórico ao afirmar que não há diferença no modo de existir em sua tese, ele concorda que, *em um modo estrito de falar*, “somente as coisas desse mundo *realmente* existem” (cf. LEWIS, 1986, p. 3; itálico no original). Ele ressalva, porém, que esse modo *estrito* é também *restrito*, “semelhante a dizer que toda a cerveja está no refrigerador e ignorando a maior parte da cerveja que existe” (cf. LEWIS, 1986, p. 3). Assim, as coisas dos outros mundos existem *simpliciter*, pois as deixamos de fora ao quantificar sobre menos coisas do que tudo que há. Em todo caso, é “sensato ignorá-las e quantificar somente sobre nossos companheiros de mundo (*worldmates*)” (cf. LEWIS, 1986, p. 3).

A concepção de mundos possíveis de Lewis muito frequentemente provoca uma reação de estranheza e de incredulidade naqueles que entram em contato com ela. Em defesa de sua tese, Lewis afirma que acreditar em uma pluralidade de mundos é uma *hipótese útil*, “e isso é uma razão para pensar que é verdadeira” – embora conceda, mais adiante: “uma boa razão; não digo que seja conclusiva” (cf. Lewis, 1986, p. 4). Lewis ainda compara a utilidade de sua tese com a utilidade da Teoria dos Conjuntos. Acreditar que a teoria é verdadeira permite usufruir de benefícios que valem seu preço ontológico – que acredita estar correto, embora pense que é talvez um pouco maior que o preço da Teoria dos Conjuntos, porque sua teoria tem “implicações ocultas inaceitáveis” (cf. Lewis, 1986, p. 4). Por fim, Lewis conclui, citando Hilbert, que chamou a Teoria dos Conjuntos de *Paraíso dos Matemáticos*: “Tal como o domínio dos conjuntos é para os matemáticos, o espaço lógico é um paraíso para os filósofos. (...) Os benefícios valem seu custo ontológico” (LEWIS, 1986, p. 4).

3.2 OS MUNDOS POSSÍVEIS DE ALVIN PLANTINGA

A concepção de mundos possíveis de Plantinga difere bastante da concepção de Lewis. Para Plantinga, mundos possíveis são *estados maximais de coisas*, possíveis em sentido lógico amplo (cf. PLANTINGA, 1974, p. 44). Nem todo estado de coisas, portanto, é um mundo possível – é preciso ser um estado *maximal* de coisas, um estado *completo*. Para caracterizar um estado de coisas maximal precisa-se, primeiro, da noção de inclusão entre estados de coisas, que Plantinga apresenta como segue:

(...) o estado de coisas *S* inclui um estado de coisas *S'*, se não for possível, em sentido lógico amplo, que *S* seja atualizado – ou seja, o conjunto do estado de coisas *S* e não *S'* (um estado de coisas que é obtido se e somente se *S* é atualizado e *S'* não o é) é impossível (cf. PLANTINGA, 1974, p. 44-45).

Ou seja, um *estado de coisas* é completo e maximal se para cada estado de coisas *S'*, *S* inclui *S'* ou exclui *S'*. O mundo *atual*⁶ é um dos mundos possíveis; a diferença entre ele e os outros mundos possíveis, para Plantinga, é que o mundo atual é o que *de fato ocorre*.⁷ Plantinga considera que *obviamente, pelo menos um e no máximo um* mundo possível é atualizado. Isto porque, se considerarmos dois mundos distintos, sejam eles *W* e *W**, e um estado de coisas *S* atualizado em *W*, em *W** haveria um estado de coisas que exclui *S*. De acordo com Plantinga, a ideia de que *S* e o complemento *S'* de *S* pudessem ser ambos atualizados é “repugnante ao intelecto” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 45).

Plantinga diz que “Há um sem-número de mundos meramente possíveis; cada um deles existe – existe no mundo atual – embora nenhum seja atualizado”, mas nenhum mundo meramente possível é de fato atual, embora cada um deles seja *atualizado para* ou *atualizado em si mesmo*.

⁶ Plantinga utiliza a palavra *actual* cuja tradução para o português pode soar estranha e às vezes ambígua em algumas passagens. Para evitar este problema, traduzi a palavra empregada por Plantinga ora como *atual*, ora como *atualizado*. Plantinga usa ainda uma outra expressão difícil de traduzir para o português: *obtains*. Também para essa palavra usei *atualizado* na tradução.

⁷ “Of course the actual world is one of the possible worlds; it is the maximal possible state of affairs that is actual, that has the distinction of actually obtaining” (PLANTINGA, p.45).

Dessa forma, nenhum mundo possível é *de fato* atualizado, mas sim *atualizado nele ou para ele mesmo*. Aqui, surge uma questão. Se α é o mundo atual, mas atualizado nele e para ele, do mesmo modo que outros mundos possíveis são atualizados em si e para si mesmos, em que se distingue dos demais mundos? (cf. PLANTINGA, 1974, p. 48). A resposta de Plantinga é que esse raciocínio é confuso. “E o motivo é que cada mundo é atualizado para ele mesmo: em qualquer outro mundo W , é W , e não α , que é atualizado”. Além disso, sustentar que o fato de um mundo ser atualizado não o distingue significativamente de outros é como dizer que Einstein ter descoberto a Relatividade não o distingue significativamente de outro homem, pois há diversos outros mundos nos quais outra pessoa, que não Einstein, a descobriu. Esse raciocínio também é equivocado, de acordo com Plantinga, pois α é o mundo atualizado, não o restante dos mundos (cf. PLANTINGA, 1974, p. 48-49).

Certamente, ele argumenta, há diversos mundos em que você foi quem descobriu a Relatividade, assim como há muitos nos quais quem o fez foi Einstein. A diferença é que foi Einstein quem o fez, e não nós. Pois α é o mundo atualizado, e não o restante dos mundos. O fato de cada mundo ser atualizado para si mesmo não muda isso. Dizer que um mundo é atualizado para si mesmo é dizer também que, para cada mundo W , é impossível que W seja atualizado e W não seja atualizado, o que é óbvio, e isso não diminui a diferença que existe entre α e os demais mundos possíveis (cf. PLANTINGA, 1974, p. 49). De acordo com Plantinga,

Nós iniciamos por supor que sabemos o que significa para uma proposição ser verdadeira. Então explicamos verdade em um mundo como segue: p é verdadeiro em um mundo W se p tivesse sido verdadeiro se W tivesse sido atualizado; de modo equivalente, se não é possível que W seja atualizado e p não seja verdadeiro (PLANTINGA, 1974, p. 49).

Plantinga estabelece ainda que para cada mundo possível existe um, *exatamente* um livro. Um livro de algum mundo é “um conjunto maximal possível de proposições” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 46). O livro do mundo atual “é o conjunto de proposições verdadeiras. (...) Dizer que p é verdadeiro em um mundo W é dizer que, se W tivesse sido atualizado, p seria verdadeiro” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 46).

Verdade é definida por Plantinga como:

Verdade em W (para um específico W), denota uma propriedade que a proposição tem se não é possível que W seja atualizado e p falhe em ser verdadeira (cf. PLANTINGA, 1974, p. 46).

Para ele, verdade deve ser definida em termos de verdade *simpliciter*, ou seja: “a proposição é verdadeira no mundo atual se é verdadeira; é verdadeira em W se teria sido verdadeira, se W tivesse sido atualizado” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 46).

Dessa forma, para cada mundo possível, existe um, *exatamente* um livro:

i) *pelo menos um*: para qualquer mundo W e proposição p , W acarreta qualquer p ou sua negação; e

ii) *no máximo um*: caso W tivesse dois ou mais livros, B e B' , e se B fosse diferente de B' , deveria haver alguma proposição p tal que B contenha p e B' contenha a negação de p .

Em (i) garante-se que conjunto de proposições acarretadas por W será *maximal*; e em (ii), têm-se a garantia de que não pode acontecer de W acarretar p e sua negação – o que poderia ocorrer caso cada mundo possuísse mais de um livro. Se houvesse para cada mundo mais de um livro, poderia ocorrer que W acarretasse p e sua negação – o que não seria um estado de coisas possível.

Assim como os mundos, os livros também possuem a propriedade de ser *maximais*: “se B é um livro, então para qualquer proposição p , qualquer p é um membro de B ou então *não- p* é” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 46).

Plantinga diz que as proposições, assim como os livros, existem em todos os mundos possíveis; “O que é dizer que, para cada proposição p e mundo W , p teria existido se W tivesse sido atualizado” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 47). A totalidade dos livros, que Plantinga sugere chamar de *biblioteca*, é a mesma em todos os mundos; a diferença está nas respostas dadas em cada mundo a respeito da verdade ou falsidade das proposições. A verdade das proposições está relacionada ao fato de um dado estado de coisas ser ou não atualizado, de modo semelhante ao que ocorre com os mundos. Se, por exemplo, é o mundo atual e portanto, atualizado, ele é um estado de coisas atualizado, mas, se em vez desse, algum outro mundo qualquer tivesse sido atualizado, então seria apenas um estado de coisas possível. Um estado de coisas não atualizado equivale à falsidade de uma proposição. Se o estado de coisas referente a *Cantor ser um matemático* não tivesse sido atualizado, a proposição *Cantor é um matemático* seria falsa – porém não seria *não-existente*; existiria como uma proposição não-verdadeira (cf. PLANTINGA, 1974, p. 47-48).

Plantinga apresenta também uma definição para *Verdade em um livro*:

(...) p é verdadeiro em β se p é membro de β . Então cada proposição possível é verdadeira em pelo menos um mundo e em pelo menos um livro; pois dizer isso é dizer apenas, obviamente, que para cada proposição possível p há pelo menos um livro do qual ele é membro e pelo menos um estado de coisas S tal que, se S tivesse sido atualizado, p teria sido verdadeiro (PLANTINGA, 1974, p. 49).

Ser atualizado, dito a respeito de um mundo W , expressa uma propriedade: a propriedade que W possui de ser atualizado. Dessa forma, é verdadeiro dizer, em cada mundo W , que W é atualizado. Neste ponto, Plantinga está de acordo com Lewis, para quem o mundo real corresponde ao mundo de quem se refere a ele, isto é, o mundo de quem o nomeia, referindo-se a ele como *o mundo atual/atualizado*. Plantinga diz que ao proferir a sentença

(4) Este é o mundo atual

o que diz é verdadeiro: “ao proferir (4) eu uso o nome ‘o mundo atual’ para referir a este α ; este nome denota α ; e α é certamente o mundo atual” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 50).

Entretanto, embora a expressão ‘este mundo’, proferida em um mundo W designe o ‘mundo atual’ no qual foi proferida, e seja, portanto, verdadeira, Plantinga aponta que é um equívoco tomar as duas expressões – ‘este mundo’ e ‘mundo atual’ – como sinônimas. Segundo ele,

(4) Este é o mundo atual

expressa que

(5) Este mundo é este mundo

Porém, a proposição (4) ou uma proposição logicamente equivalente a esta pode ser expressa por

(6) α é o mundo atual.

(6) é uma proposição contingente, mas (5) não. E (4) não pode expressar uma proposição falsa, pois é verdadeira em todos os mundos nos quais é proferida – o que não significa que seja verdadeira em todos mundos; e não é.

Plantinga faz notar ainda que, de modo semelhante ao que ocorre em (4), a sentença

(7) Este mundo não é atual

é falsa em todos os mundos nos quais é proferida, embora a proposição que ela expressa não seja necessariamente falsa. Ela é falsa em α quando expressa em α , mas verdadeira em todos os outros mundos. ‘Ser este mundo’ e ‘ser atual’ são pois, propriedades distintas. ‘Ser este mundo’ “é uma propriedade que um mundo tem se e somente se aquele mundo é o mundo α . Esta propriedade é tal que somente α a tem; além disso, é tal que α a tem em todos os mundos” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 51). ‘Ser atual’ é uma propriedade que α possui em todos os mundos, ainda que em alguns mundos a sentença

(10) Este mundo é α

expresse uma proposição falsa. Somente α tem propriedade de ser atual, mas α não tem essa propriedade em todos os mundos (cf. PLANTINGA, 1974, p. 50-51):

As palavras ‘a propriedade de ser atual’ também denotam uma propriedade e esta é tal que somente α a tem; mas tal que α possivelmente não tem. Há mundos nos quais α não tem essa propriedade – certamente, α não a tem em todos os mundos distintos de α .

4 IDENTIDADE TRANSMUNDANA

As explicações modais fornecidas por teorias de mundos possíveis passam obrigatoriamente pela questão da identidade – e é então que surge um problema: *o problema da identidade transmundana*. Como explicar que Sócrates, o mesmo Sócrates que é filósofo em nosso mundo, existe e é carpinteiro em um outro mundo possível?

O problema decorre da incompatibilidade com o *princípio da identidade*: se Sócrates em W^1 e Sócrates em W^2 são iguais, então são o mesmo – não podem ter propriedades diferentes. Ao tratar da questão, Plantinga analisa uma explicação realista: a teoria das contrapartes de David Lewis. David Lewis pretendia ter solucionado o problema ao apresentar sua concepção de mundos possíveis a partir da ideia de que uma *contraparte* de Sócrates seria uma espécie de *correlato* de Sócrates, o mais semelhante possível com ele.

Para Plantinga, entretanto, o problema da identidade transmundana decorre da ideia equivocada de que um mesmo objeto não pode existir em mais de um mundo. A ideia é equivocada porque a indiscernibilidade dos idênticos, segundo ele, não nos permite inferir que um objeto não possa existir em mais de um mundo. Plantinga acredita que esta suposição é uma ilusão, uma armadilha. A questão, na verdade, diz respeito a *propriedades* (cf. PLANTINGA, 1974, p. 46-7).

Plantinga argumenta, em defesa de seu ponto de vista, que é certo que podemos conceber um mundo no qual Sócrates não foi filósofo, ou não viveu em Atenas, ou tenha sido diferente do que foi em nosso mundo de inúmeros modos possíveis. E neste caso, certamente não poderíamos identificá-lo por meio das propriedades que usamos para identificá-lo nesse mundo, pois quase que certamente falharíamos na tentativa.

Então, uma tentativa de resposta consiste em estabelecer um critério que inclua alguma *propriedade que Sócrates tem em todo mundo no qual existe*. Além disso, esta propriedade deve ser *suficiente para nos permitir localizá-lo em cada um desses mundos*; deve ser uma propriedade que *só ele possua*, a fim de que se possa distingui-lo dos demais; e deve ser *empiricamente manifesta*, para que possamos identificá-lo (cf. PLANTINGA, 1974, p. 93).

Esse critério, porém, é falho, pois mesmo no mundo atual, não poderíamos identificar o bebê Sócrates utilizando alguma dessas propriedades empiricamente manifestas. Desse modo, Plantinga conclui que se trata de uma confusão, de um equívoco, e acrescenta que, caso se retire do critério a exigência de que uma propriedade seja empiricamente manifesta, então esta propriedade – que Sócrates e apenas Sócrates possui em todos os mundos nos quais existe – é uma *propriedade essencial* de Sócrates. Neste caso, Sócrates existe em mais de um mundo possível se tem *pelo menos* uma essência. De qualquer forma, isto não esclarece quais propriedades de Sócrates são essenciais e nem mesmo deixam claro que ele possui uma essência.

A teoria das contrapartes de Lewis, de acordo com Plantinga, contorna o problema de se ser forçado a concluir que todas as propriedades de Sócrates são essenciais para ele, na medida em que essas propriedades só serão essenciais para ele se Sócrates e todas as suas contrapartes as possuírem; mas incorre em outros.

A propriedade de ser Sócrates seria, portanto, uma coisa tal como *socraticidade*, uma propriedade essencial manifesta apenas em Sócrates e em suas contrapartes. Plantinga rejeita, entretanto, o modo como a questão é tratada, considerando que critérios de identidade são um requisito demasiado exigente, além de tornarem impossível se ‘localizar’ o bebê Sócrates, por exemplo, embora possamos sem dúvida nenhuma dizer que Sócrates foi um bebê. É uma

promessa ilusória a suposta superação do problema da identidade transmundana pela teoria das contrapartes, afirma. Para ele, objetos podem perfeitamente existir em mais de um mundo.

Pretendo tratar da questão das propriedades na seção 6. Antes disso, farei um breve exposição da teoria das contrapartes de David Lewis.

5 CONTRAPARTES

O realismo modal defendido por Lewis é conhecido como *realismo modal genuíno*. De acordo com Lewis, Sócrates em um mundo possível W' é a pessoa mais parecida possível com Sócrates no mundo real W , o mundo no qual vivemos. Como já visto, *mundo real*, para Lewis, é uma expressão dêitica: todos os mundos são igualmente *reais*, sendo 'real', para nós, o mundo no qual estamos, onde nós vivemos. Da mesma forma, para os habitantes de W' , o mundo *real* será o mundo no qual eles vivem. A única diferença entre o modo como o nosso mundo existe e os outros mundos existem, segundo Lewis, é que nos outros mundos outras coisas acontecem. Há que se notar, também, que os mundos são espaçotemporalmente desconectados e que não há nenhuma relação causal entre eles: todos são totalmente inacessíveis uns aos outros.

Uma vez que os mundos são espacial, temporal e causalmente separados uns dos outros, um indivíduo não poderia ter partes de si mesmo espalhadas por diversos mundos – e partes sem conexões espaço-tempo-causais, é bom lembrar. O que Lewis propõe, em sua teoria das contrapartes, é que não o mesmo Sócrates do nosso mundo exista em diversos mundos possíveis, mas uma contraparte de Sócrates, isto é, alguém que seja o mais parecido possível com Sócrates. Lewis admite que o critério é um tanto vago, e que há mundos em que pode haver mais de uma contraparte de Sócrates, mas que isso não representa um problema. Desde que se estipule algum parâmetro fixo na linguagem utilizada para fazer a análise, as condições de verdade serão mantidas (LEWIS, 2001, p. 1).

Uma das consequências da teoria das contrapartes de Lewis é seu pesado compromisso ontológico, e isso constitui uma das objeções mais frequentes que se faz a ela. Lewis, porém, não vê grande problema na imensa população de entidades supostamente

gerada por sua teoria, nem aceita a acusação de estar violando o princípio de Occam, ao multiplicar indivíduos sem necessidade. Ele responde às críticas recebidas estabelecendo uma distinção entre economia qualitativa e quantitativa.

A economia quantitativa refere-se a entidades *de uma mesma espécie*. Assim, uma teoria *quantitativamente econômica* postula menos entidades da mesma espécie. *A economia qualitativa*, por outro lado, diz respeito a *espécies de entidades*. Uma teoria *qualitativamente econômica*, portanto, postula a existência de menos espécies de entidades. Como os indivíduos dos outros mundos são da mesma espécie que os indivíduos do nosso, não ocorre uma violação do princípio, para Lewis. Quanto à economia quantitativa, Lewis não acredita que seja relevante neste caso.

Outra crítica recorrente à teoria de Lewis é que, pelas características de total isolamento entre os mundos, é simplesmente impossível verificar a verdade de qualquer proposição modal. Como não há entre os mundos nenhum tipo de conexão que permita algum tipo de observação empírica, não há como demonstrar nem comprovar nada, de modo algum. Qualquer tipo de interação com qualquer outro mundo é totalmente impossível, de modo que é igualmente impossível ter qualquer tipo de conhecimento empírico a respeito de qualquer um dos outros mundos. Além dessa e de outras críticas, uma das mais frequentes têm sido a que Lewis chamou de “olhar incrédulo”, normalmente a primeira reação de quem travava conhecimento de sua teoria.

Uma das grandes vantagens da teoria de Lewis, por outro lado, estaria em não apresentar o problema da identidade transmudana dos indivíduos, uma vez que se trata de *contrapartes* de indivíduos, e não os indivíduos mesmo, existindo em outros mundos. Ou seja, para cada indivíduo do nosso mundo, existem indivíduos em outros mundos que *correspondem* a eles. Sócrates em W' não é, na teoria de Lewis, o mesmo Sócrates que habita

nosso mundo, mas uma *contraparte* sua, um “correspondente” seu. Assim, deixa de existir o problema que ocorre ao se postular que um mesmo indivíduo pode existir em mais de um mundo. Isto constitui em um grande problema na medida em que há uma incompatibilidade com o princípio da identidade. Para que um indivíduo existisse simultaneamente em mais de um mundo, seria necessário que não estivesse inteiro em nenhum deles. Teríamos que aceitar a implicação de que haveria partes de um mesmo indivíduo espalhadas por diversos mundos, o que é bastante contraditório de se supor a respeito de um indivíduo.

Assim, a teoria das contrapartes de Lewis aparentemente resolve o problema da identidade transmundana, em que pese incorrer em vários outros. Nela, os indivíduos não podem existir em mais de um mundo e estes são todos espacial, temporal e causalmente separados uns dos outros. Dessa forma, Lewis pretendia ter resolvido o problema decorrente da incompatibilidade com o *princípio da identidade*. A solução de Lewis, entretanto, apesar de parecer satisfatória neste ponto, levanta muitas objeções em outros aspectos, o que pode levar a uma certa resistência em aceitá-la.

6 PROPRIEDADES

Seguindo por um caminho bastante diferente do adotado por David Lewis, Alvin Plantinga apresenta uma outra teoria de mundos possíveis, na qual o problema da identidade transmundana não é propriamente *solucionado*: Plantinga procura demonstrar que não há realmente um problema, mas sim um *pseudoproblema*. A solução que ele apresenta consiste em corrigir este equívoco e assim, dar por resolvida a questão. Para isto, ele faz uma análise das propriedades, diferenciando as essenciais e as acidentais, bem como estabelecendo a diferença entre as modalidades *de dicto* e *de re*.

A questão da identidade transmundana na teoria de mundos possíveis de Plantinga passa por uma análise de propriedades, além de uma distinção entre as modalidades *de dicto* e *de re*. A modalidade *de re* se refere a *coisas*, enquanto que a modalidade *de dicto* é aplicada a *proposições*. Quanto às propriedades, podem ser necessárias, acidentais ou essenciais. Uma propriedade é acidental para um indivíduo quando este tem a propriedade, mas poderia não tê-la. É *essencial* em um indivíduo quando esse indivíduo a tem em todos os mundos possíveis nos quais ele existe. E é *necessária* a uma entidade quando está presente nela em todo e qualquer mundo possível. Isto se deve a uma distinção que Plantinga faz, entre *existência em um mundo* e *existência simpliciter* (cf. PLANTINGA, 1974, p. 46):

Objetos ou indivíduos existem em mundos possíveis, alguns como Sócrates existem em apenas um, mas não em todos os mundos possíveis, e outros, como o número 7, existem em todos os mundos. Dizer que um objeto *x* existe em um mundo *W* é dizer que, se *W* tivesse sido atualizado, *x* teria existido; mais exatamente, *x* existe em *W* se é impossível que *W* seja atualizado e *x* falhe em existir.

A *existência-em-W*, portanto, é definida a partir de *existência simpliciter*, ou seja, “Sócrates *existir-em-W*” não significa que Sócrates existe, mas que ele teria existido, se *W* tivesse sido atualizado. Em relação às propriedades, Plantinga afirma que os objetos têm

propriedades nos mundos: “Sócrates, por exemplo, tem a propriedade de ter nariz arrebitado”. Mas também existe um estado de coisas possível que, se tivesse sido atualizado, Sócrates teria outro tipo de nariz, “ou talvez nem tivesse nariz” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 47).

Portanto, há mundos possíveis nos quais Sócrates não tem nariz arrebitado. Dizer que Sócrates tem a propriedade de ter nariz arrebitado em um mundo W , é dizer que Sócrates teria tido a propriedade de ter nariz arrebitado, se W tivesse sido atualizado; é dizer que o estado de coisas de W *ser atualizado e Sócrates não ter nariz arrebitado* é impossível. Isto equivale afirmar que W inclui um estado de coisas que consiste em *Sócrates ter nariz arrebitado*, e que o livro sobre W contém a proposição *Sócrates tem nariz arrebitado* (cf. PLANTINGA, 1974, p. 47; itálico no original).

Outro ponto a ser considerado é que, se W é atualizado, então é impossível que um mundo W' , no qual *Sócrates não tem nariz arrebitado* é verdadeiro, seja atualizado também. W inclui o estado de coisas de *Sócrates ter nariz arrebitado* e o livro de W contém a proposição *Sócrates tem nariz arrebitado*.

Estabelecido, portanto, que há propriedades que são essenciais e outras que são acidentais, surgem algumas questões: *Quine poderia ser italiano? Sócrates poderia ter sido um jacaré?* Plantinga considera que a *existência* é uma propriedade essencial. Porém, é preciso notar que um indivíduo só possui uma propriedade necessária se existe em todos os mundos. Assim, é possível que haja seres com propriedades essenciais, sem que isso acarrete que estes seres sejam necessários.

A questão das propriedades essenciais de um indivíduo se encontra relacionada a proposições na medida em que uma proposição é *necessariamente verdadeira* se o é em todos os mundos possíveis. Pode-se dizer que Sócrates tem uma propriedade P essencialmente *se e somente se*

- i) ele a tem em todos os mundos;
- ii) ou se a tem em todos os mundos nos quais ele existe, ou

iii) pode-se dizer que Sócrates tem a propriedade P e que não existe nenhum mundo em Sócrates tenha o complemento P de P .

Mas pode-se considerar que há, ou pode haver, objetos que têm propriedades mas que não existem. O Papai Noel, por exemplo, tem, no mundo atual α , a propriedade de ser alegre e generoso com as crianças bem-educadas, apesar de não existir. Plantinga, entretanto, considera que algo só tem propriedades em um mundo W se existe em W . E afirma que a proposição “Sócrates tem P em todos os mundos” não *caracteriza adequadamente* que Sócrates tem P essencialmente; Sócrates é um ser contingente e, portanto, não existe em todos os mundos. “Consequentemente, não há propriedade – nem mesmo auto-identidade – que ele tenha em todos os mundos”, de acordo com Plantinga. Tampouco implica que tenha alguma propriedade essencial, e de modo geral, implica que apenas seres necessários possuem propriedades essenciais. A proposição “Sócrates tem P em todos os mundos” é, portanto, inaceitável, conclui Plantinga (cf. PLANTINGA, 1974, p. 56).

Já as proposições “Sócrates tem P em todos os mundos nos quais existe” e “Sócrates tem P e não há nenhum mundo no qual Sócrates tem o complemento P de P ” caracterizam de modo preciso a ideia de atribuição essencial, segundo Plantinga, embora a primeira atribua a propriedade P a Sócrates apenas nos mundos nos quais ele existe, e, de acordo com a última, Sócrates tem P também em mundos nos quais ele não existe (cf. PLANTINGA, 1974, p. 56).

Algo semelhante ocorre com as modalidades de declarações *de dicto* e *de re*. A modalidade *de dicto* tem um peso bem menor em relação à modalidade *de re*. A proposição *de dicto* “Possivelmente alguma coisa é vermelha” implica que “alguma coisa é vermelha” é verdadeira em pelo menos um mundo possível. Já a proposição *de re* “Alguma coisa é possivelmente um número primo” informa que há pelo menos um objeto, e que este tem a propriedade de ser primo em pelo menos um mundo possível. Na proposição

“Necessariamente, todas as coisas são idênticas a si mesmas” ou “ $\Box(x)x = x$ ”,⁸ reivindica-se que *todas as coisas são idênticas a si mesmas* é verdadeira em todos os mundos possíveis. Já “Todas as coisas são necessariamente idênticas a si mesmas” ou “ $\Box x = x$ ”, em que $x=x$ representa a propriedade de ser essencialmente igual a si mesma, é uma declaração *de re* de que cada objeto tem a propriedade de ser idêntico a si mesmo, em todos os mundos nos quais existe.

Plantinga ressalva que a proposição “ $\Box x = x$ ” tem sido algumas vezes vista com suspeita, porque pode se considerar que ela acarreta coisas como:

“Necessariamente, o homem mais alto de Boston = o homem mais alto de Boston”, que é uma proposição indiscutivelmente falsa, uma vez que atribui necessidade à proposição (*necessariamente, o homem mais alto de Boston*) e acarreta que há alguns homens em Boston. Isto, entretanto, é incorreto, pois a proposição “ $(x)\Box x = x$ ” diz apenas que todo objeto, inclusive o homem mais alto de Boston, tem a propriedade de ser idêntico a si mesmo, em todos os mundos nos quais existe, sem acarretar tantos itens *de dicto* assim (cf. PLANTINGA, 1974, p. 57).

Por tudo isso, Plantinga conclui que “Um objeto x tem a propriedade P essencialmente, então, se e somente se x tem P em todos os mundos possíveis nos quais x existe”, e se e somente se não há um mundo possível no qual x tem o complemento de P (cf. PLANTINGA, 1974, p. 60). A questão que surge agora é que tipo de propriedades as coisas têm essencialmente. Quais propriedades seriam essenciais à Sócrates, por exemplo? Plantinga propõe considerar algumas propriedades, inicialmente:

- i) auto-identidade
- ii) ser colorida, se vermelha
- iii) ser uma coisa ou outra

⁸ Notação conforme o texto original. Plantinga utiliza ‘ (x) ’ para representar o quantificador universal.

iv) ser um número primo ou outra coisa

Essas são propriedades que todos os objetos têm em todos os mundos nos quais existem. Plantinga propõe chamá-las de propriedades *trivialmente essenciais* (cf. PLANTINGA, 1974, p. 59-60). Entre as propriedades trivialmente essenciais está a propriedade da existência, *se se conceder que existência é uma propriedade*. Plantinga afirma que, obviamente, cada objeto existe em todos os mundos nos quais existe,

(...) então todas as coisas têm essencialmente a propriedade de existir. Isto não é de se admirar. Todas as coisas têm existência essencialmente; mas somente algumas coisas – propriedades, proposições, números, Deus, talvez – têm *existência necessária*, a propriedade que um objeto tem se ele existe em todos os mundos possíveis (cf. PLANTINGA, 1974, p. 60; itálico no original).

De onde se segue que objetos têm propriedades trivialmente essenciais; mas e quanto a objetos e propriedades que não são trivialmente essenciais, tais como objetos que tenham propriedades de modo essencial? (cf. PLANTINGA, 1974, p. 60-61).

Certamente; o número 12 tem a propriedade de *ser um inteiro*, *ser um número* e *ser um número abundante* essencialmente; Sócrates não tem nenhuma dessas propriedades e *a fortiori* não tem nenhuma essencialmente. Há propriedades que somente algumas coisas têm essencialmente e outras têm, mas acidentalmente? De fato há; *ser não-verde* é uma propriedade que 7 tem essencialmente e o Taj Mahal acidentalmente. *Ser primo ou empertigado* é essencial para o 7; é acidental para a Senhorita Prudence Allworthy, diretora da Escola para Moças Rainha Vitória (cf. PLANTINGA, 1974, p. 60; itálicos no original).

Plantinga propõe deixar essas propriedades com suas disjunções e negações, e pensar em propriedades não tão fantasiosas tais como as propriedades de Sócrates de *ser filósofo*, *ser ateniense*, *ser professor de Platão*, *ter nascido em 470 a.C.*, *ter vivido por cerca de 70 anos*, e *ter sido executado pelos atenienses sob acusação de corromper a juventude*. Essas propriedades não são essenciais a Sócrates, de acordo com Plantinga. Ele poderia ter nascido

dez anos depois, vivido na Macedônia, ter passado a vida cortando pedras em uma pedreira e evitado a filosofia, não ter corrompido jovens e ter escapado à ira dos atenienses. Sócrates tanto poderia não ter uma dessas propriedades quanto não ter nenhuma delas. Assim, Sócrates tem trivialmente propriedades essenciais como a *propriedade de ter algumas propriedades* e a *propriedade de ser não-casado se é solteiro*. E tem essencialmente propriedades que nem todos possuem, como *ser um não-número* e *ser possivelmente consciente* – propriedades que ele compartilha com algumas, mas não com todas as pessoas (cf. PLANTINGA, 1974, p. 61-62).

Por outro lado, “*Ser Sócrates* ou *ser idêntico a Sócrates* é essencial a Sócrates; não há um mundo no qual Sócrates existe mas não tem a propriedade de ser Sócrates, a propriedade de ser idêntico a Sócrates”, o que não significa que a propriedade de ser chamado ‘Sócrates’ seja essencial a ele: são propriedades diferentes e que não podem ser confundidas: “há mundos nos quais ele é chamado ‘Platão’ ou ‘Spiro Agnew’ e mundos nos quais ele não tem nome nenhum” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 61-62).

Dessa forma, *ser Sócrates* é uma propriedade essencial de Sócrates, assim como também *ser Sócrates ou Platão* – e esta última é uma que ele compartilha com Platão. Todas as coisas que possuem essa propriedade a possuem essencialmente. Já *ser Sócrates ou grego* é uma propriedade que Sócrates compartilha com várias outras pessoas e que só ele têm essencialmente (cf. PLANTINGA, 1974, p. 62).

6.1 Propriedades Indexadas em Mundos

Há ainda propriedades que Plantinga chama de indexadas em mundos. Basicamente, uma propriedade indexada em mundos é tal que, se um objeto x qualquer possui uma propriedade P em W , então ele tem a propriedade de *ter- P -em- W* em todos os mundos nos

quais ele existe. A propriedade que Sócrates tem, por exemplo, de ter nariz arrebitado, é uma propriedade accidental em Sócrates. Há mundos em que ele não tem essa propriedade, mas sim o seu complemento. Contudo, mesmo assim ele tem a propriedade de *ter nariz arrebitado em α* nesses mundos – uma propriedade de Sócrates que é indexada em mundos.

Plantinga caracteriza uma propriedade indexada em mundos da seguinte forma: “Onde P é uma propriedade e W é um mundo, um objeto x tem a propriedade de *ter P em W* em um mundo W^* se e somente se x existe em W^* e W inclui x *ter P* ” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 63).

Por outro lado, um estado de coisas ser impossível em um mundo implica que esse estado de coisas é impossível em todos os mundos possíveis. Assim, “se W inclui x *ter P* em pelo menos um mundo, então W inclui esse estado de coisas em todos os mundos” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 63). Plantinga faz notar, ainda, que o complemento de uma propriedade indexada em mundos como *ter nariz arrebitado em W* não é a propriedade de *não ter nariz arrebitado em W* :

A última propriedade é tal que o objeto x tem somente se ele existe em W e tem nariz não-arrebitado lá. O complemento de *ter nariz arrebitado em W* , entretanto, não requer que aqueles que a têm existam em W ; ela é desfrutada por qualquer objeto que ou não existe em W ou tem nariz não-arrebitado lá (cf. PLANTINGA, 1974, p. 63).

Dessa forma, em um mundo no qual Sócrates não existe, ele não tem nem a propriedade de *ter nariz arrebitado* nem de *ter nariz não-arrebitado* neste mundo, mas possui o complemento das duas propriedades.

Propriedades indexadas em mundos são propriedades essenciais àqueles que as possuem. A propriedade de Sócrates, portanto, de *ter nariz arrebitado em α* , é essencial para ele, uma vez que

(...) ele tem essa propriedade em um mundo W^* se e somente se ele existe em W^* e neste mundo α inclui Sócrates ter nariz arrebitado. Mas α inclui Sócrates ter nariz arrebitado; logo isso está incluído em todos os mundos; logo Sócrates tem nariz arrebitado em α em todos os mundos nos quais ele existe – isto é, essencialmente (cf. PLANTINGA, 1974, p. 63).

Então ou Sócrates possui essencialmente todas as propriedades indexadas em mundos que ele tem, ou possui essencialmente o complemento dessas propriedades; e o mesmo ocorre em relação à existência: existir em α é uma propriedade essencial em Sócrates. A propriedade de existir é tida essencialmente por todas as coisas, ressalva feita a objetos não-existentes: Para Plantinga pode haver em outros mundos objetos que não existam em α , mas ele não defende que pode haver objetos não-existentes.

Por outro lado, Plantinga não tem dúvida de que há mundos nos quais a proposição ‘todas as coisas existem em α ’ é falsa, de modo que ele admite a possibilidade de que haja mais coisas do que há; “Então embora todas as coisas tenham esta propriedade essencialmente, que todas as coisas a tenham não é uma verdade necessária” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 64, ver nota de rodapé).

Plantinga esclarece ainda, aproveitando-se de uma crítica recebida sobre a ideia de haver uma propriedade como ter nariz arrebitado em α , que um mundo possível não é algo como um lugar, portanto ter nariz arrebitado em α não pode ser entendido como algo análogo a *ser confuso em Chicago*; e faz uma advertência: a propriedade que Sócrates tem de *possivelmente ter nariz arrebitado* não pode ser confundida com a propriedade de Sócrates de *ter nariz arrebitado em W* , ainda que ele possua (e possui) as duas essencialmente. Se W é α , ele explica, Raquel Welch tem a propriedade de *possivelmente ter nariz arrebitado*, mas não a propriedade de *ter nariz arrebitado* (cf. PLANTINGA, 1974, p. 64).

6.2 Sócrates poderia ser um jacaré?

Feitas as distinções acerca dos tipos de propriedades, Plantinga questiona: Sócrates poderia ser um jacaré? e a resposta dele é que depende.

Se concebermos um jacaré como sendo um composto de um poderoso corpo animado, uma mente inexpressiva e uma desagradável disposição, então qualquer composto mente-jacaré-corpo poderia ser um jacaré – “ou a mente deve ser de um tipo especial, relativamente estúpida?” (cf. Plantinga, 1974, p. 65).

Para o primeiro caso, Plantinga diz que sim, Sócrates poderia ser um jacaré, pois poderia ter tido um corpo de jacaré. Seria como o que ocorre no conto de Kafka, no qual um homem acorda uma manhã em um corpo de um besouro. O estado de coisas descrito por Kafka é, segundo Plantinga, perfeitamente possível. Então, se o fato de que Sócrates poderia ter tido um corpo de jacaré é suficiente para ele ter sido um jacaré, Sócrates poderia ter sido um jacaré. Uma outra (boa) questão seria se Sócrates poderia ter tido um corpo de jacaré durante todo o tempo no qual teve um corpo humano – e acerca desta questão Plantinga diz que está inclinado a pensar que sim (cf. Plantinga, 1974, p. 65).

Mas há outra possibilidade a ser considerada. Assim como teria feito Descartes, pode-se defender que um jacaré é um tipo de objeto material, talvez uma elaborada máquina feita de carne e ossos, considera Plantinga. E, nesse caso, Sócrates poderia ter sido um jacaré? Plantinga relembra o argumento de Descartes, no qual este conclui que não é uma coisa material, mas uma coisa que pensa (Descartes, *Meditações*, Meditação I, cf. Plantinga, 1974, p. 66). O argumento cartesiano, a esta altura, poderia, de acordo com Plantinga, ser construído da seguinte forma:

(50) Possivelmente, eu existo e não há objetos materiais.

Mas, se é assim, então

(51) Eu não sou um objeto material.

Plantinga acredita que a premissa do argumento, assim formulado, é verdadeira, porém não acha que a proposição de que não há objetos materiais não acarreta que “eu” não existo. Para ele, Descartes poderia ter desenvolvido uma premissa mais fraca:

(50') Possivelmente, Eu existo e nenhum objeto material é meu corpo.

Porém, ainda que as premissas sejam verdadeiras, “o argumento é, na melhor das hipóteses, indevidamente implícito”, diz Plantinga (cf. PLANTINGA, 1974, p. 66). Da mesma forma que se pode argumentar que de

(52) Possivelmente, eu existo e não existem cunhados

para

(53) Eu não sou um cunhado.

Que de (50) não se segue (51), mas somente sua possibilidade:

(54) Possivelmente, eu não sou um objeto material (cf. Plantinga, p. 66).

Desta forma, Plantinga pondera que, na melhor das hipóteses, “o que o argumento mostra é que ainda que seres humanos sejam de fato objetos físicos, eles o são apenas contingentemente” (cf. Plantinga, p. 67).

Porém, de (50) e de (50'), algo interessante se segue: que há mundos nos quais eu existo e não somente não sou um corpo, como também não tenho um corpo. E a conclusão disto, para Plantinga, é que ser corporificado⁹ não é essencial para pessoas humanas. Mas pode-se objetar aqui, que

(55) Todas as pessoas humanas têm corpos

é necessariamente verdadeiro.

⁹ *being embodied*, no original.

A resposta de Plantinga a esta objeção é que talvez sim, talvez não (cf. Plantinga, 1974, p. 67). Isto porque em nenhum caso se segue que pessoas humanas são essencialmente corporificadas, senão que, apenas, se eles não são corporificados, então ser uma pessoa humana não é essencial para pessoas humanas.

Da mesma forma, ressalta Plantinga, que ser um cunhado não é essencial para cunhados. O que ocorre é que “A propriedade de ser uma pessoa humana (em oposição a ser uma pessoa divina ou uma pessoa angelical ou uma pessoa *simpliciter*, pode acarretar a posse de um corpo (...)” (cf. Plantinga, 1974, p. 67), mas o fato de que algo tenha a propriedade de ser uma pessoa humana e tenha um corpo em um mundo qualquer não implica que esta pessoa – Sócrates, por exemplo, tenha um corpo em todos os mundos nos quais ele existe.

Dessa forma, Plantinga reitera que o argumento de Descartes não estabelece que ele não é um corpo ou um objeto material. Porém podemos supor que eu sou um objeto material – e, neste caso, que tipo de objeto eu sou, a que tipo de objeto eu posso dizer que sou idêntico? – “a resposta parece clara: eu sou o objeto que eu refiro como ‘meu corpo’” (cf. Plantinga, 1974, p. 67). Por outro lado, é possível que eu exista e que meu corpo, que Plantinga passa a chamar de ‘B’, para simplificar, não exista. Assim, parece possível que eu possa adquirir um corpo novo e continuar a existir quando o ‘meu corpo’ for destruído: seja trocando com alguém, seja substituindo o corpo de uma vez só ou pedaço a pedaço até ter um novo corpo. E talvez até substituí-lo por um novo corpo “feito de algum material sintético e mais durável” (cf. Plantinga, 1974, p. 67). Isto significa que “há um mundo possível W no qual eu existo em t e B não existe em t ”. “Consequentemente, eu tenho a propriedade existe em t em W ; B carece desta propriedade” (cf. Plantinga, 1974, p. 67-68). Desta forma, pelo princípio da indiscernibilidade dos idênticos, eu não sou idêntico com B , bem como não existe nenhum objeto com o qual eu seja idêntico.

Plantinga diz que há um outro modo de consertar o argumento de Descartes, por meio de um princípio formulado por G. H. von Wright e que ele condensa do seguinte modo (cf. Plantinga, 1974, p. 68):

(57) Qualquer propriedade P tida essencialmente por qualquer coisa é tida essencialmente por todas as coisas que a tenham.

Entretanto, (57) não pode ser verdadeiro, uma vez que há contraexemplos tais como ser primo ou empertigado¹⁰, e ser Sócrates ou grego. Além disso, “o princípio pode ser sustentado por uma grande variedade de propriedades ‘naturais’, e é plausível supor que ele sustém a propriedade de ser um objeto material tanto quanto o complemento desta propriedade” (cf. Plantinga, p. 68).

Não parece possível, para Plantinga, que haja um objeto que seja material em um mundo e não o seja em outros. Para ele, “onde M nomeia a propriedade de ser um objeto material e \bar{M} nomeia seu complemento,

(58) Algo que tenha M ou \bar{M} , tem M essencialmente ou tem \bar{M} essencialmente.”

Assim, é possível remodelar o argumento de Descartes: se eu não sou essencialmente um objeto material, então, de acordo com (58), não sou nenhum deles (cf. PLANTINGA, 1974, p. 68).

Plantinga conclui que, se este argumento é sólido, Descartes estava certo em sustentar que ele não era um objeto material. Há ainda uma outra aplicação possível para (58), que é: se eu não tenho a propriedade de ser um objeto material, então tenho seu complemento essencialmente, o que, novamente, dá razão a Descartes: “ele é um objeto imaterial e, de fato, é um objeto desse tipo em todos os mundos nos quais existe” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 68-69). O que o argumento de Descartes estabelece, portanto, é que pessoas humanas são essencialmente imateriais. E, de acordo com isto, temos que “Sócrates, portanto, poderia ter

¹⁰ “prime or prim”, uma

“...ser um jacaré somente se é possível ser ambos – um jacaré e imaterial” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 69).

7 ESSÊNCIAS, IDENTIDADE TRANSMUNDANA PARA PLANTINGA E TWI

7.1 Essências

Plantinga entende que todo objeto possui muitas essências, ou naturezas, ou *haecceidades*. Segundo ele, uma propriedade “*E* é uma essência de um objeto *x* se e somente se *E* é essencial para *x* e em todo mundo possível no qual todas as coisas distintas de *x* têm o complemento de *E* essencialmente” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 70). Assim, a essência é uma propriedade única para o indivíduo que a possui, de tal modo que individualiza o seu possuidor, e este a possui exclusivamente, isto é, ninguém mais no mundo tem esta propriedade. Por isso, ela pode ser chamada também de *haecceidade* ou de natureza individual. Entre as propriedades que constituem essências, estão os nomes próprios (cf. PLANTINGA, 1974, p. 70).

Porém, mesmo uma formulação tal como

“(1) *E* é uma essência de Sócrates se e somente se *E* é uma propriedade essencial para Sócrates e nada distinto dele a tem *E* (o complemento de *E*) essencialmente”

não é forte o suficiente para Plantinga. Para ele,

Se *E* é uma essência de Sócrates, então certamente nada que de fato existe e é distinto dele poderia ter tido *E*; mas precisamos dizer mais: é preciso que seja impossível que deveria ter havido um objeto distinto de Sócrates que teve *E* (cf. PLANTINGA, 1974 p. 70).

Entre as essências de Sócrates encontra-se a *socraticidade*: uma propriedade essencial de Sócrates. *Socraticidade* é a propriedade de ser Sócrates ou de ser idêntico a Sócrates. Sócrates a possui em todos os mundos nos quais existe e em nenhum mundo Sócrates tem o complemento de *socraticidade*, em nenhum mundo Sócrates existe e é diferente de si mesmo,

e em nenhum mundo, nenhuma coisa que seja distinta de Sócrates possui o complemento dessa propriedade (cf. PLANTINGA, 1974, p. 72).

Socraticidade, porém, embora seja uma essência de Sócrates, não é a única essência que ele tem: todas as propriedades de Sócrates que são indexadas em mundos também são essências dele. A propriedade indexada em mundos que Sócrates tem de *ter-P-em- α* , por exemplo, é essencial para ele e só ele a possui – não existe um mundo W no qual um objeto x , que seja diferente de Sócrates, possua esta propriedade. Outro ponto de Plantinga é que, para qualquer mundo W , ou Sócrates existe em W ou não existe em W . Então, em qualquer mundo W ou Sócrates tem a propriedade indexada em mundos de existir-em- W ou tem seu complemento, a propriedade indexada em mundos de não-existir-em- W – e, num caso como no outro, a propriedade é essencial à Sócrates, acarretada por sua essência. O mesmo ocorre com todas as essências de Sócrates; elas sempre acarretam *ter-P-em- W* ou *ter- \bar{P} -em- W* . Por outro lado, nos mundos nos quais Sócrates não existe, Sócrates não teria, caso estes mundos tivessem sido atualizados, nem a propriedade de *ter-P-em- W* nem seu complemento: de acordo com Plantinga, Sócrates não tem propriedades nos mundos nos quais não existe (cf. PLANTINGA, 1974, p. 72-73).

Plantinga destaca ainda que essências possuem propriedades essenciais e acidentais; possuem essências. *Socraticidade*, por exemplo, possui, entre outras, a propriedade acidental de ser instanciada; já a propriedade de Sócrates de ser instanciado em um mundo é uma propriedade que ele tem essencialmente. Além disso, *socraticidade*, a propriedade de ser uma essência instanciada por Sócrates, é uma propriedade que somente Sócrates possui. Porém a *socraticidade* só tem esta propriedade – de ser uma essência instanciada por Sócrates – nos mundos nos quais Sócrates existe, enquanto que “a propriedade ser uma essência instanciada por Sócrates em α é uma que Socraticidade tem em todos os mundos nos quais existe; e esta propriedade é uma de suas essências” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 74).

7.2 Identidade Transmundana para Plantinga

Da ideia de que Sócrates existe em diversos mundos possíveis surge o problema da Identidade Transmundana, decorrente da incompatibilidade com o Princípio da Indiscernibilidade dos Idênticos. Plantinga o aborda buscando demonstrar que, na verdade, esse problema não existe. Além disso, a Teoria das Contrapartes, utilizada pelos defensores da Teoria dos Indivíduos Limitados a um Mundo (a *TWI*, ou *Theory of Worldbound Individuals*), é “semântica e metafisicamente inadequada” segundo ele. De acordo com a *TWI*, cada objeto, qualquer que seja, existe em apenas um mundo possível. Plantinga aponta ainda outro motivo para se rejeitar a *TWI*: esta acarreta que todas as propriedades de um objeto são essenciais ele (cf. Plantinga, 1974, p. 88). Mas, para Plantinga, Sócrates, por exemplo, tem propriedades e uma essência.

Conforme já havia estabelecido antes, Plantinga lembra que essências são propriedades únicas para o indivíduo que as possui. As propriedades de Sócrates, ele as tem em todos os mundos nos quais existe. Já a essência, além de Sócrates a possuir em todos os mundos nos quais existe, é instanciada em qualquer mundo possível somente por Sócrates, por ninguém mais. Além disso, nem todas as propriedades de Sócrates são essenciais a ele; e nem todas as suas propriedades únicas constituem uma de suas essências.

Para Plantinga é natural supor que Sócrates exista em diversos mundos possíveis, tanto quanto é natural supor que Sócrates poderia ter sido um carpinteiro. Trata-se de um estado de coisas possível, embora não atualizado. Porém, se tivesse sido atualizado, Sócrates teria existido e sido um carpinteiro. A suposição é plausível, diz Plantinga, porque é impossível que, se esse estado de coisas tivesse sido atualizado, Sócrates falhasse em existir. Dessa forma, Sócrates existe neste estado de coisas, e, conseqüentemente, existe em todos os mundos possíveis nos quais ele existe:

Pois claramente todos os mundos possíveis que incluem Sócrates ser um carpinteiro também incluem Sócrates existir, cada mundo possível desses é tal que, se tivesse sido atualizado, Sócrates teria existido. Então Sócrates existe em diversos mundos possíveis (cf. Plantinga, 1974, p. 88).

Plantinga considera, entretanto, que, embora seja natural fazer esta suposição, ela é rejeitada por muitos filósofos que defendem que objetos existem em apenas um mundo possível. Leibniz parece também ter acreditado que indivíduos existem apenas em um mundo e, recentemente, a *Theory of Worldbound Individuals*, ou *TWI*, teoria que defende que indivíduos estão limitados a um mundo, tem sido bem aceita por boa parte dos filósofos, entre eles David Kaplan e Roderick Chisholm. Esta teoria faz parte, inclusive, da Teoria das Contrapartes de David Lewis. E é por meio dela que se pretende evitar o problema da identidade transmundana (cf. PLANTINGA, 1974, p. 89).

7.3 A Teoria dos Indivíduos Limitados a Um Mundo

Plantinga analisa o suposto problema da Identidade Transmundana a partir das considerações de G. E. Moore, de que segundo filósofos idealistas todas as relações são internas e propriedades relacionais são essenciais para as coisas que as possuem, ou seja: “para nenhum objeto x há um possível estado de coisas no qual x perde a propriedade que de fato ele tinha; então x existe somente no mundo atual” (cf. Plantinga, 1974, p. 89). O argumento, em resumo, é que “Se A tem P , e X não, segue-se que x é outro que não A .” E isto, para Plantinga, nada mais diz além de que a tese da Indiscernibilidade dos Idênticos é verdadeira. Porém, embora essa tese pareça correta, não se segue dela, para Plantinga, que um objeto não possa existir em mais de um mundo (cf. PLANTINGA, 1974, p. 89).

O argumento de Plantinga parte da concepção de Leibniz, a fim de verificar como surge o problema, e propõe supor que Sócrates existe em algum mundo W distinto de α (cf. PLANTINGA, 1974, p. 90). Ao tomar ‘propriedade’ em um sentido amplo, teremos que é preciso haver uma propriedade que Sócrates tem em α mas não em W – a propriedade de ter nariz arrebitado, por exemplo. Neste caso, o Sócrates de α teria nariz arrebitado, enquanto que o Sócrates de W não – o que é incompatível com o Princípio da Indiscernibilidade dos Idênticos (cf. PLANTINGA, 1974, p. 90):

Pois de acordo com este princípio, se Sócrates-em- α tem nariz arrebitado mas Sócrates-em- W não tem, então Sócrates-em- α é distinto de Sócrates-em- W . Devemos concluir, portanto, que Sócrates não existe em ambos, em α e em W . Pode ser alguma pessoa em W que seja muito semelhante ao nosso Sócrates, Sócrates-em- α ; porém essa pessoa é ao menos um pouco distinta dele. E por certo a generalização deste argumento, se bem sucedida, mostrará que nada existe em mais de um mundo.

Plantinga acredita, entretanto, que a conclusão não se segue corretamente da premissa.

Ele acredita que se está inferindo de

(3) Sócrates-em- α tem nariz arrebitado e Sócrates-em- W não

que

(4) Sócrates tem nariz arrebitado em α mas não em W .

E o problema, segundo Plantinga, é que a expressão Sócrates-em- α é denotativa, que denota, “presumivelmente o objeto que em α é Sócrates”, ao passo que Sócrates-em- W , da mesma forma, presume-se que denota “a coisa que teria sido Sócrates, se W tivesse sido atualizado” (cf. Plantinga, 1974, p. 91). E o que se segue de (4), na verdade, é que

(3') ‘Sócrates-em- W não tem nariz arrebitado,

mas isto não pode, de acordo com Plantinga, “ser tomado para implicar que a coisa que em W é Sócrates, de fato, não tem nariz arrebitado; o que é preciso significar é que esta coisa não tem nariz arrebitado em W ” (cf. Plantinga, 1974, p. 91-92).

O ponto de Plantinga é que a Indiscernibilidade dos Idênticos, embora seja uma teoria correta, não se aplica aqui, pois a propriedade de ter nariz arrebitado, que Sócrates não tem em W , não é nem o complemento da propriedade de ter nariz arrebitado nem é incompatível com ela. O que ocorre é que de fato Sócrates tem nariz arrebitado em α , o mundo atual; mas, se W tivesse sido atualizado, então Sócrates não teria nariz arrebitado. Assim, não existe uma “propriedade que (3) predica de Sócrates-em- α mas nega de Sócrates-em- W ”,

Pois supor que Sócrates tem P no mundo atual mas carece dele em W é supor somente que Sócrates de fato tem P mas não teria tido, se W fosse atual. A indiscernibilidade dos Idênticos nem mesmo lança uma sugestão de suspeita sobre essa suposição. Esta objeção, portanto, é uma armadilha e uma ilusão (cf. Plantinga, 1974, p. 92).

A Teoria dos Indivíduos Limitados a um Mundo constitui um argumento bastante utilizado contra a ideia de que objetos possam existir em mais de um mundo. Adotando a

TWI, dificuldades decorrentes dessa ideia em princípio não ocorrem. Plantinga, entretanto, não crê que de fato exista algo tal como o problema da identidade transmudana nem que a TWI seja a solução (cf. PLANTINGA, 1974, p. 92).

De fato, Plantinga não parece convencido de haja qualquer problema com a ideia de que um objeto existe em diversos mundos possíveis. Ele analisa uma possível objeção a essa ideia propondo supor que Sócrates existe em algum mundo *W* diferente do nosso, e que neste mundo *W* ele lutou na batalha de Maratona. Sócrates também pode não ter em *W* propriedades que teve no nosso mundo. Ele poderia, por exemplo, ter evitado a filosofia e não ter corrompido os jovens, e assim ter escapado à ira dos atenienses (cf. Plantinga, 1974, p. 93). A questão que surge então é como poderíamos identificar Sócrates em *W*, como distingui-lo entre os outros indivíduos todos de *W*. Não poderíamos usar as propriedades que utilizamos para identificá-lo no nosso mundo, pois talvez em *W*, em vez de Sócrates, Xenofonte ou Trasímaco é que foram o mestre de Platão; e talvez em *W* seja Trasímaco, e não Sócrates, quem tem uma mente esplêndida e apaixonada pela verdade e pela justiça. Como entender então a afirmação de que Sócrates existe em *W*? Segundo Plantinga, “Se não podemos identificá-lo, não podemos saber de quem estamos falando, ao dizer que Sócrates existe naquele mundo ou tinha esta ou aquela propriedade lá” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 93). É preciso, portanto, de algum critério que permita identificar Sócrates, e este critério deve ser uma propriedade que Sócrates possui em todos os mundos nos quais ele existe. Para que possa servir para identificar Sócrates, é preciso ainda que esta propriedade não seja exemplificada por ninguém a não ser Sócrates, e precisa ser, ou precisam ser, propriedades empiricamente manifestas. Precisa também ser semelhante a propriedades tais como ter um nome, altura, número de seguridade social, etc. (cf. Plantinga, 1974, p. 93).

No entanto, não conhecemos nenhuma propriedade assim, nem mesmo sabemos se existe alguma propriedade desse tipo; nem sequer fazemos ideia de como seria uma propriedade tal como essa. Pensada desta forma, Plantinga considera que a ideia da Identidade Transmundana não é mesmo inteligível. Pois, de acordo com esse raciocínio, é como se nós estivéssemos de algum modo “espiando” um outro mundo através de um *Juliovernoscópio*, diz Plantinga, usando uma expressão de David Kaplan. Observamos os habitantes deste outro mundo e nos perguntamos qual deles, se é que algum deles, é Sócrates. Sabemos que ele pode ter uma aparência totalmente diferente lá, ter amigos e digitais diferentes, isto é, se tiver dedos para ter digitais (cf. Plantinga, 1974, p. 94).

Essa imagem, diz Plantinga, pode trazer algumas vantagens, mas neste contexto só traz confusão:

Pois esta imagem insinua que as proposições Sócrates existe em outros mundos possíveis ou Sócrates existe em um mundo no qual ele não tem nariz arrebitado são inteligíveis para nós se sabemos de algumas propriedades empiricamente manifestas que ele e somente ele tem em cada mundo no qual ele existe (cf. PLANTINGA, 1974, p.94).

Para esclarecer melhor este ponto, então, Plantinga faz uma analogia temporal, citando o livro *O Movimento Fenomenológico*, de Herbert Spiegelberg, no qual há ilustrações de Franz Brentano aos 20 e aos 70 anos de idade. Aos 20, Brentano se parece com Apolo, ao passo que aos 70 se parece com Jerome Himes em seu retrato da morte do Czar. Embora a maioria de nós, segundo Plantinga, acredite que o mesmo objeto existe em diferentes tempos; o mesmo não ocorre com a ideia de que haja alguma propriedade P empiricamente manifesta tal que algo é Brentano em um tempo t se e somente se possui esta propriedade. Da mesma forma que houve sem dúvida um tempo no qual Cantor foi um bebê precoce e saber disso, entretanto, não nos torna aptos a identificá-lo em uma galeria de bebês-em- t , conhecer uma

propriedade empiricamente manifesta de Sócrates não nos permitirá identificá-lo entre os demais habitantes de um outro mundo. De fato, Plantinga admite, podemos precisar de uma propriedade que seja empiricamente manifesta para que possamos identificar o bebê Cantor entre os outros, mas não é razoável requerer que se saiba de uma tal propriedade. Pois é bastante fácil responder quais das coisas que existiram em t foram Cantor: a resposta a essa questão é: o próprio Cantor. E, se isso está correto, também se aplica ao caso transmundano. Pode-se objetar, entretanto, que a analogia não é convincente o bastante, uma vez que tempos são linearmente ordenados, que os espaços entre quaisquer t e t' são pequenos e que portanto, haverá sempre alguma propriedade empiricamente manifesta que permita a identificação. E nada disso ocorre no caso transmundano (cf. PLANTINGA, 1974, p. 94-5).

Plantinga responde a essa possível objeção afirmando entender a proposição de que existe um mundo possível no qual Sócrates não ensinou Platão, e concede que talvez seja preciso saber quem é Sócrates para entendê-la; também admite que é concebível que saber quem é Sócrates envolve o conhecimento de alguma propriedade sua que seja empiricamente manifesta, e que seja uma propriedade única para Sócrates. O que ele questiona é porque supor que se precise saber de alguma propriedade empiricamente manifesta de Sócrates *em W* (cf. PLANTINGA, 1974, p. 96).

O problema com essa noção, segundo Plantinga, é que ela sugere que os outros mundos possíveis estão como que acontecendo simultaneamente, como se cada um dos outros mundos possíveis fosse um mundo atual, só que em uma dimensão diferente. Isso faz supor que deveríamos estar aptos a observar estes mundos e reconhecer Sócrates ao examinar seus habitantes – e que não há outro modo de identificá-lo. E esta noção não faz sentido porque não existe uma coisa tal como “observar” outro mundo possível, não é possível ver o que acontece lá, inspecionar seus habitantes e decidir qual deles é Sócrates, se algum deles é:

Um mundo possível é um estado de coisas possível. Ao dizer que um indivíduo x existe ou tem a propriedade P em um estado de coisas S nós estamos apontando para a impossibilidade de S ser atualizado e x falhar em existir ou falhar em ter P . Então, por exemplo, considere o estado de coisas que consiste em Sócrates ser um carpinteiro, e chame a este estado de coisas ' S '. Sócrates existe em S ? Obviamente: se esse estado de coisas tivesse sido atualizado, ele teria existido. Mas há um problema de identificação, ele, selecionado, em S – isto é, precisamos procurar em S ver qual coisa lá é Sócrates? Precisa haver ou precisamos saber de alguma propriedade empiricamente manifesta que ele tem neste e em todos os outros estados de coisas nos quais ele existe? Certamente que não (cf. Plantinga, 1974, p. 96)

Plantinga diz ainda que existência pode ser definida em uma proposição, de modo análogo à existência em um estado de coisas: “podemos dizer que um objeto x existe em uma proposição p se e somente se não é possível que p seja verdadeiro e x falhe em existir; e podemos definir ' x tem a propriedade P em p '” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 96-7). E exemplifica com uma proposição na qual fica suficientemente claro que Quine e Royal Robbins existem:

(5) “Quine é o alpinista mais notável da América e Royal Robbins é o filósofo mais ilustre da América.”

Estas propriedades não nos permitem, entretanto, identificar Quine e Royal Robbins se toparmos com eles. E não precisamos fazer isso para entendê-la. E isso também não informa sobre alguma propriedade empiricamente manifesta que Quine e somente Quine possua e que nos permita reconhecê-lo. E isto porque esta propriedade simplesmente não existe, e requisitá-la não passa de confusão (cf. PLANTINGA, 1974, p. 97).

E o que ocorre com os mundos possíveis é semelhante a isto:

Para entender a sugestão que há um mundo W no qual Sócrates não ensinou Platão, não preciso saber nada sobre quais outras pessoas existem em W ou – exceto para as propriedades essenciais dele – quais outras propriedades essenciais Sócrates tem naquele mundo. De fato, como eu poderia saber mais? (cf. PLANTINGA, 1974, p. 97).

Porém, pode-se ainda objetar aqui que, mesmo que não seja necessário haver uma propriedade empiricamente manifesta, é preciso que haja propriedades que sejam essenciais a Sócrates, em todos os mundos em que ele existir, e precisa ser uma que ele e somente ele possua (cf. PLANTINGA, 1974, p. 97-98). É preciso ainda que ele a tenha em todos os mundos nos quais existe e que ninguém além dele possua esta propriedade. Esta propriedade poderia ser chamada de *essência de Sócrates*, e acarreta todas as propriedades essenciais dele.

Mas, objeta-se ainda, não é claro qual, ou se alguma das propriedades de Sócrates é essencial para ele, nem tampouco se ele tem uma essência. Também não parece possível determinar se ele tem uma propriedade assim, ou caso tenha, que outras propriedades ela acarreta. A ideia de que Sócrates tenha uma essência seria gratuita e problemática, enquanto que toda essa confusão seria evitada com a aceitação da *TWI* (cf. PLANTINGA, 1974, p. 98).

Plantinga responde a essa possível objeção citando Russell: “seguir este conselho tem todas as vantagens do roubo sobre o trabalho honesto”. “A questão”, continua ele, “é se Sócrates tem uma essência e se objetos existem ou não em mais de um mundo – não se estaríamos salvos de algum trabalho ou perplexidade se dissermos que não.” Para Plantinga, enfim, a resposta que a *TWI* fornece à questão é uma resposta insatisfatória, apesar de considerar correta a parte da objeção que reivindica que se Sócrates precisa ter uma essência, se existe em diversos mundos. E, para ele, não parece haver de fato o que se chama problema da identidade transmudana. E, se há, ele diz, não consegue perceber o que este pode ser (cf. PLANTINGA, 1974, p. 98).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei verificar, ao longo deste estudo, como surge o problema da Identidade Transmundana e se este foi satisfatoriamente solucionado a partir da Teoria da Contrapartes de David Lewis, ou se, por outro lado, como aponta Alvin Plantinga, ou o problema não só não foi devidamente solucionado por Lewis como também não poderá vir a sê-lo, por não se tratar de um problema real, mas de um equívoco que Plantinga pretende ter esclarecido.

Meu objetivo era poder, ao final desta pesquisa, responder às duas questões:

1 – *Sócrates em W^1 pode ser idêntico a Sócrates em W^2 ?* – isto é, é possível reconhecer Sócrates em um outro mundo possível qualquer? E, se parecesse que sim,

2 – *Como Sócrates poderia ser o mesmo em mundos diferentes e ter e não ter uma determinada propriedade?*

A resposta de David Lewis parece indicar que o Sócrates de W^2 *corresponde* ao Sócrates de W^1 , permitindo, de algum modo, *identificá-lo* com o Sócrates de W^1 , isto é, permitindo *reconhecer* no Sócrates de W^2 a *contraparte* do Sócrates de W^1 . Esta *identificação* ou espécie de reconhecimento é possível ainda que a contraparte seja muito diferente do Sócrates de W^1 , e ainda que haja outras pessoas em W^2 que se pareçam mais com o Sócrates de W^1 que sua contraparte. Apesar das ressalvas que faz ao definir o que são contrapartes, Lewis utiliza a *Teoria das Contrapartes* para explicar noções modais sem incorrer em contradições com a TWI, a teoria segundo a qual os indivíduos são limitados a um mundo.

E é por meio da Teoria das Contrapartes também que Lewis consegue explicar também a segunda questão. O problema parece, por um lado, resolvido, embora levante muitas outras objeções e suas implicações causem muita estranheza. Entretanto, em favor de sua teoria, Lewis afirma que ela é útil e vale o preço, ainda que este seja alto.

Alvin Plantinga, entretanto, faz uma crítica minuciosa da teoria apresentada por Lewis, argumentando que esta teoria não resiste a um exame mais aprofundado. Além disso, Plantinga argumenta que o problema todo é baseado em um engano, pois o erro está, em primeiro lugar, na ideia de que os indivíduos estão limitados a um único mundo. Corrigindo-se essa visão, desaparece o problema da Identidade Transmundana.

Como foi visto, toda a questão se origina da tentativa de se explicar como Sócrates poderia, por exemplo, ter sido um marceneiro, em vez de ter sido o filósofo que conhecemos. As respostas fornecidas pela Metafísica de Modalidades apontam para mundos possíveis, que correspondem a modos como as coisas poderiam ter sido. Assim, de acordo com essa noção de mundos possíveis, Sócrates poderia ter sido um marceneiro e ele o é, de fato, em algum mundo possível diferente do nosso. A ideia de que Sócrates possa existir em mais de um mundo, porém, não é compatível com o Princípio da Identidade, pois, segundo este, dois objetos iguais são o mesmo objeto. A solução proposta por Lewis evita esse problema na medida em que uma contraparte de Sócrates não é propriamente Sócrates, mas *corresponde a* Sócrates.

Plantinga tem fortes objeções a essa noção, a começar pela TWI. De acordo com ele, o sentido de ‘propriedade’ utilizado na TWI é “tão amplo quanto você desejar”, e nenhum objeto poderia ter existido se o mundo tivesse sido minimamente diferente, pois, de acordo com ela, todas as propriedades de Sócrates são essenciais a ele. Assim, uma proposição como “Sócrates é tolo” teria de ser considerada necessariamente falsa pela TWI, porém apesar de sustentar que todas as propriedades de Sócrates são essenciais a ele, a TWI só considera a proposição *contingentemente falsa* (cf. Plantinga, 1974, p. 101-102).

Fortalecida pela Teoria das Contrapartes, a TWI não precisa mais sustentar que todas as propriedades de Sócrates são essenciais a ele: são essenciais somente se Sócrates e todas as

suas contrapartes as possuem. Ainda assim, a situação da TWI não parece melhorar muito, na opinião de Plantinga. Ele compara a *Socraticidade* de sua teoria com a *propriedade de ser Sócrates*, na teoria de Lewis. *Socraticidade*, a propriedade de ser uma essência de Sócrates instanciada por ele e por ninguém mais, pode ser exemplificada por diversos indivíduos, uma vez que pode ser instanciada por Sócrates em diversos mundos. Já a *propriedade de ser Sócrates* não é a propriedade de ser idêntico ao Sócrates de α , e só pode ser exemplificada pelo Sócrates de α . Assim, na Teoria da Contrapartes, “Sócrates existe” só pode ser verdadeira em apenas um mundo, ao passo que “Sócrates é tolo” pode ser verdadeira em diversos: Sócrates pode ter contrapartes tolas (cf. PLANTINGA, 1974, p. 103-107).

Plantinga ainda aponta *inadequações semânticas* na Teoria das Contrapartes. Uma delas é que, como uma contraparte de Sócrates é alguém em outro mundo que parece o mais possível com ele, embora as propriedades variem de mundo para mundo, pode ocorrer que afinal Xenofonte se assemelhe mais a Sócrates do que uma das contrapartes de Sócrates se assemelha. Outra objeção que Plantinga faz é que uma proposição como “Todo mundo é pelo menos tão alto quanto é”, que pode ser instanciada por Sócrates, expressa uma propriedade que pode ser compartilhada por todos. Entretanto, a propriedade de Sócrates de ser tão alto quanto ele mesmo é, é uma propriedade única para ele. E da mesma forma ocorre com a proposição “Todo mundo é idêntico a si mesmo”. Na instanciação “Sócrates é idêntico a Sócrates” a identidade predicada é a de Sócrates em α , uma propriedade única de Sócrates.

A auto-identidade e a auto-identidade-com-Sócrates não coincidem com Sócrates na TWI. Identidade-com-Sócrates, ressalva Plantinga, não é Socraticidade, “não é a propriedade comum para Sócrates e suas contrapartes, mas antes a propriedade de ser idêntico ao objeto que de fato exemplifica Socraticidade”. O problema é que somente Sócrates possui identidade-com-Sócrates. Na Teoria das contrapartes, Sócrates não poderia carecer de auto-

identidade, mas sim de identidade-com-Sócrates: “ele tem auto-identidade essencialmente, mas identidade-com-Sócrates acidentalmente” (cf. PLANTINGA, 1974, p. 109-111).

A Teoria das Contrapartes tem ainda inadequações de ordem metafísica, conclui Plantinga. Para ele, ela pode ser aceitável se tomada como uma semântica, mas não como Metafísica séria. O aparente acordo de harmonia entre os teóricos da Teoria das Contrapartes e os que defendem a noção de que objetos existem, sim, em mais de um mundo – a exemplo de Plantinga – é *apenas verbal*, segundo Plantinga, uma vez que eles concordam com uma sentença como “Sócrates poderia não ter sido sábio”, mas discordam da proposição que esta sentença expressa (cf. PLANTINGA, 1974, p. 117).

Analisados todos os pontos levantados por Plantinga, parece impossível sustentar que a Teoria das Contrapartes resolva de fato o problema da Identidade Transmundana. Por outro lado, fica muito evidente que ela incorre em muitos outros. Entretanto, para que Plantinga esteja correto, é preciso abrir mão da TWI, e, sem esta, surgem novamente as dificuldades que decorrem do Princípio da Identidade. Além disso, em que pese a crítica que Plantinga faz ao modo como os adeptos da Teoria das Contrapartes utilizam a palavra ‘existir’, *num sentido amplo e frouxo*, o sentido que o próprio Plantinga emprega para a palavra parece um tanto quanto estendido.

De fato, o Sócrates de W^1 de Plantinga é o mesmo Sócrates que conhecemos em α , e isso parece muito mais convincente do que uma *contraparte* de Sócrates. Entretanto, enquanto que uma contraparte lewisiana ‘existe’ de um modo *de re*, palpável, inteligível, o Sócrates de W^1 de Plantinga ‘existe’ de um modo um tanto misterioso, difícil de entender, um *existir não atualizado*, condicionado, como que um *existir em potência*. De algum modo, é como se o Sócrates dos outros mundos fosse uma sucessão de imagens fixas e desconectadas, cada qual representando um ponto no tempo de Sócrates. Assim, a teoria de Plantinga parece também

uma boa solução semântica, embora deixe alguma dúvida quanto à sua eficiência como solução metafísica.

De qualquer forma, a partir da teoria proposta por Plantinga, podemos dizer que Sócrates de W^1 pode ser idêntico ao Sócrates em W^2 e que é possível identificá-lo por meio da *Socraticidade*. Entretanto, ainda que a TWI possa ser descartada e que a Teoria das Contrapartes mais contorne que resolva o problema, quer me parecer que a maneira como Sócrates ‘existe’ em outros mundos diferentes de α , na teoria de Plantinga, também contornam, de certa forma, o problema da incompatibilidade com o princípio da identidade, sem porém, resolvê-lo de fato. Assim, a questão da *identidade transmundana* parece não ter sido adequadamente resolvida até o momento.

9 REFERÊNCIAS

- ARRUDA, J. A. **Mundos possíveis: realismo e atualismo**. M.A. Oliveira; C. Almeida; G. Imaguire. (org.). Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRANQUINHO, J. **Identidade e semelhança**. Faculdade de Letras de Lisboa. 2012. Disponível em: <http://www.joaomiguelbranquinho.com/lecture-notes.html>. Acesso em 06/01/2017.
- BRANQUINHO, J. **Substituição e Indiscernibilidade dos Idênticos**. Notas de Aula, 2001. Disponível em: http://www.joaomiguelbranquinho.com/uploads/9/5/3/8/9538249/identidade_2.pdf. Acesso em 06/01/2017
- BRANQUINHO, João; Murcho, Desidério; Gomes, Nelson Gonçalves. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRANQUINHO, J.; SANTOS, Ricardo. **Composição material**. Compêndio em linha de problemas de Filosofia Analítica. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2014. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15635/1/hax_breno_composio_material_artigo.pdf . Acesso em 09/06/2016.
- HAACK, Susan. **Filosofia das Lógicas**. Trad. Cezar Augusto Mortari e Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: UNESP, 1998.
- LEWIS, D. K. **Counterfactuals**. Oxford: Basil Blackwell, 2001.
- LEWIS, D. K. **On the plurality of worlds**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1986 (1ª ed).
- NOTAS DE AULA. **Metafísica**. Curso de Graduação em Filosofia. Prof. Dr. Cezar Augusto Mortari. UFSC, 2014.
- PLANTINGA, A. **The nature of necessity**. Oxford: Oxford University Press, 1974.
- PLUTARCO. **Vidas paralelas. Tomo I. Teseu, XXIII, p. 24**. Ed. digital disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000476.pdf> Acesso em 09/06/2017.